

ECONOMIA POLÍTICA DOS SISTEMAS-MUNDO E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE PESQUISAS PARA A HISTÓRIA ECONÔMICA

Rosângela de Lima VIEIRA*

A história econômica foi ao longo do século XX o centro do desenvolvimento da historiografia, contudo nas últimas décadas, daquele e do novo século, perdeu o interesse dos pesquisadores para as análises culturais de todas as nuances.

Porém uma abordagem iniciada no auge da história econômica foi se construindo e hoje está afirmada entre cientistas sociais. A concepção de Economia Política do Sistema-mundo criada ao longo desse processo histórico. Três autores Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, são fundamentais na construção dessa abordagem. A recepção dela entre historiadores foi bastante tímida, ocorrendo mais enfaticamente entre outros cientistas sociais.

Acreditamos que sua utilização por historiadores pode ser profícua no avanço das pesquisas, dadas suas características metodológicas, se poderá observar processos econômicos mais amplos numa interessante dialética entre o global e o local.

A compreensão dessa perspectiva exige um breve percurso no processo de sua construção. De início analisamos a gênese em Fernand Braudel (1902-1985), o historiador francês, demonstrou em sua extensa e inovadora obra a formação histórica do capitalismo. As múltiplas inovações empreendidas por Braudel são de dois campos distintos, porém não excludentes: o primeiro, no campo historiográfico ou da metodologia e teoria da história; já o segundo decorre de suas inovações metodológicas que resultaram em novos conhecimentos acerca do período estudado, em especial sobre o capitalismo.

A concepção de historiografia de Braudel tem em sua base uma postura metodológica empirista, sem modelos *a priori*, que realiza ilações seguindo os indicativos das próprias fontes. Os principais elementos constitutivos do método historiográfico de Fernand Braudel são: um peculiar tratamento das fontes de pesquisa,

* Doutora em História, docente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP / Campus de Marília-SP.

ampliando o próprio conceito de fontes; o método comparativo para empreender uma análise histórica que alcançasse a cientificidade possível e que ao mesmo tempo abandonasse os pressupostos positivistas; a concepção de múltiplas temporalidades que nos demonstrou o tempo como um instrumento a serviço da observação do historiador; e a narrativa como elemento determinante das diferentes temporalidades e também da configuração de sua história eminentemente explicativa

Dentre as inovações braudelianas no campo historiográfico, o marco de sua produção e originalidade consiste em sua concepção de diferentes temporalidades. Além de conceber o tempo como necessariamente plural e próprio a cada fenômeno estudado, Braudel, elaborou uma ótica tripartite para a análise histórica que apresenta três cortes temporais: a curta duração – identificada com o tempo humano, de mudanças superficiais; a média duração – que se caracteriza pela duração de uma conjuntura; e a longa duração – período multissecular necessário para mudanças profundas e para a formação de novas estruturas.

Para ele, a noção de tempo está associada a ritmo, velocidade, mudança e não-mudança. A análise da longa duração é fundamental, pois “as verdadeiras mudanças, as que durarão, jamais se improvisam de um dia para o outro. A história profunda anda em marcha lenta; ela se situa forçosamente sob o signo da paciência” (BRAUDEL: 1992, 343). Assim as análises históricas devem buscar a dialética do espaço e do tempo em sua pluralidade.

As inovações metodológicas de Braudel, importantes para o ofício do historiador, também lhe permitiram uma original leitura da formação histórica do capitalismo. Seus estudos, preponderantemente do século XV ao XVIII, analisam o capitalismo desde sua gênese comercial, e o levaram a caracterizá-lo como monopolista, adaptativo e livre para escolhas mais lucrativas desde os seus primórdios. Ele destaca também as várias esferas de atuação – circulação, produção e financeira – como simultâneas e concomitantes, mas com preponderância pendular/temporal de uma em relação às demais devido, sobretudo, às taxas de lucro. Braudel considera o capitalismo presente em parte da sociedade européia desde o período mercantilista. Sua ênfase na esfera da circulação lhe permitiu também distinguir três níveis econômicos: o primeiro – chamado de vida material caracteriza-se pela vida comum; o segundo – o mercado,

apresentado como o nível das trocas; e por fim o capitalismo – a busca do maior lucro possível. Tal distinção entre mercado e capitalismo tem como principal elemento a liberdade de ação. Enquanto a economia de mercado obedece à lei da oferta e procura; o capitalismo distingue-se exatamente pela capacidade de fugir às flutuações do mercado. O capitalismo caracteriza-se pelo arbítrio da escolha, pela formação de monopólios e outras estratégias que lhe permitem estar acima da “lei de mercado” e assim, assegurando lucros extraordinários. (BRAUDEL, 1996a: 197)

Fernand Braudel descreve pormenorizadamente e exemplifica as diferentes estratégias capitalistas na superação das imposições do mercado. A mais visível entre todas estas estratégias está exatamente o comércio de longa distância. Neste caso as mercadorias tanto poderiam ser produtos essenciais como o trigo ou os supérfluos. Ambos significavam riscos e também lucros excepcionais. Outras estratégias garantem a lucratividade capitalista como a instrução e a informação. Contudo, a concorrência, ou melhor, a fuga dela, constitui-se numa das principais estratégias capitalistas estudadas por Braudel. E para isso os monopólios internacionais apresentam-se como o método mais promissor para os capitalistas. Obtidos na maioria das vezes pela antecipação da compra antes da colheita ou da produção, mas também ao rarefazer oportunamente a mercadoria nos mercados consumidores. Como fez, por exemplo, a Levant Company que atrasava a partida para a Turquia, vários meses e assim elevava o preço das manufaturas inglesas na Turquia e o da seda na Inglaterra. Também se destaca, entre as características capitalistas, uma grande capacidade de adaptação, o que permite manobras em busca de lucros convenientes.

Ainda, dentre várias outras contribuições de Braudel para o conhecimento histórico do capitalismo, uma muito importante, é o conceito de economia-mundo. Esse conceito aparece inicialmente na obra *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico à época de Philippe II* (1949), para especificar o universo econômico daquela região.

Segundo Braudel, o espaço indócil perturba a organização econômica, daí a tendência de o capitalismo apresentar-se desde o início organizando esse espaço, dividindo-o, hierarquizando-o. No caso do Mediterrâneo “... esta divisão existe, bastante visível, em todas as dimensões do mar.” Essa “economia-mundo”, é um universo em si, onde nem tudo “... está ordenado de maneira rigorosa e autoritária, mas desenham-se as

grandes linhas de uma ordem. Assim, toda economia-mundo aceita um centro, uma região decisiva que impulsiona as outras e estabelece, só por si, a unidade que está em causa.”. O Mediterrâneo do século XVI apresenta um quadrilátero urbano, formado por Veneza, Milão, Gênova e Florença, que “... com as suas divergências, as suas rivalidades de cidade para cidade, [tem] cada uma um peso variável” (BRAUDEL, 1995a: vol. 1, p. 433).

Mas é na extensa trilogia *Civilização Material, Economia e Capitalismo*[†] que ele aprofundou seus estudos sobre o capitalismo e o conceito de economia-mundo. Criado por ele, o conceito foi posteriormente estudado mais amplamente e mesmo proposto como modelo de análise por Immanuel Wallerstein. Para explicá-lo, Braudel primeiramente distingue “economia mundial” de “economia-mundo”. Aquela se refere ao mercado que se estende por todo o planeta, enquanto economia-mundo envolve apenas um fragmento dele, mas é capaz de “bastar a si próprio e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica” (BRAUDEL: 1996b, p. 12).

Para explicá-lo, Braudel analisa várias economias-mundo ao longo da história para depois apresentar suas quatro principais características: são de longa duração temporal; têm limites definidos; possuem um centro econômico; e seu espaço de atuação é hierarquizado. Segundo ele a sequência para os vários centros econômicos desde o século XVI são: Veneza, Antuérpia, Gênova, Amsterdã, Londres e Nova York. O apogeu de cada uma delas apresenta um equilíbrio frágil cujas mudanças provocam alterações profundas.

Braudel detalha esses aspectos sempre comparando a economia-mundo a um conjunto de círculos concêntricos a partir da cidade dominante. O centro apresenta ao mesmo tempo a aptidão para os grandes negócios e uma vocação cosmopolita. Este aspecto é ilustrado pela tolerância religiosa como em Veneza e Amsterdã, onde se podiam ouvir todos os idiomas do mundo e encontrar pessoas vestidas cada qual à sua maneira, uma verdadeira “Arca de Noé”. Nestas cidades podia-se observar também uma

[†] A obra é em três volumes, publicados os dois primeiros em 1979 e o terceiro em 1986, teve um volume preliminar intitulado *Civilização material e capitalismo*, publicado em 1967. Tem ainda uma síntese publicada com o título *A dinâmica do capitalismo*, em 1985, que são as conferências realizadas na Universidade Johns Hopkins nos EUA em 1977, nas quais estão as idéias principais da trilogia.

grande diversificação social com os muito ricos reunindo-se em grandes festas e espetáculos luxuosos.

Seja Amsterdã substituindo Antuérpia, Londres sucedendo Amsterdã ou, por volta de 1929, Nova York ultrapassando Londres, a cada vez é uma enorme massa de história que muda de rumo, revelando as fragilidades do equilíbrio anterior e as forças do que vai estabelecer-se. Podemos de antemão suspeitar que todo o círculo da economia-mundo é assim afetado e que as repercussões nunca são unicamente econômicas. (BRAUDEL: 1996b, p. 22)

Outra característica das cidades dominantes é o fato de elas serem preponderantemente marítimas. E Braudel apresenta exemplos opostos para demonstrar a importância da localização marítima, como é o caso da China e da Espanha, que ao deslocarem a capital para o interior provocaram abalos consideráveis em suas economias.

As economias-mundo apresentam também muitas diferenças. Há as especificidades de cada uma das cidades dominantes. O elemento comum entre elas é o fato de ser o ponto de “centralização e concentração dos recursos e das riquezas” (Ibid., p. 26), ou seja, de acumulação. Elas também apresentam um esquema espacial semelhante, uma hierarquia do espaço: um centro restrito, regiões secundárias bastante desenvolvidas e enormes margens exteriores[‡].

Os obstáculos entre o centro e a zona fronteira podem ser também geográficos, humanos ou culturais; porém são certamente econômicos. Ainda hoje existe uma geografia discriminatória. As periferias, outra constante na realidade mundial, apresentam-se tanto dentro da economia-mundo, verdadeiras “manchas regionais”; como fora dela. A hegemonia do centro é obtida pelas próprias características econômicas, mas não descarta também o uso de violência.

As economias-mundo estão sujeitas à economia e às suas relações. No entanto, Braudel adverte: “uma economia nunca está isolada. O seu território, o seu espaço são os mesmos onde se instalam e vivem outras entidades – a cultura, o social, a política –

[‡] Braudel lembra-nos de que foi exatamente esta característica que serviu a Immanuel Wallerstein para construir toda a sua obra, *The modern World-system* (1974). Cf. Braudel, 1996b, p. 29.

que incessantemente interferem nela para a favorecer, ou então para a contradizer” (BRAUDEL: 1996b, p. 35).

Quanto ao Estado apresenta também um papel importante na economia-mundo entre os séculos XV e XVIII. Ele ainda não possui os meios para preencher todo o espaço social que lhe caberá posteriormente. Entretanto, no centro da economia-mundo aloja-se sempre um Estado forte, agressivo e privilegiado, como no caso de Veneza no século XV, da Holanda no século XVII, da Inglaterra no século XVIII.

Governo e sociedade, afinal, constituem um único conjunto, no mesmo jogo. O Estado impõe a disciplina social, garante o crédito, as liberdades mercantis, gere o fisco e se impõe no exterior. Depende, entretanto, do capitalismo. O poder é partilhado entre eles. “Nesse jogo, sem sucumbir a ele, o Estado mergulha no próprio movimento da economia-mundo. Servindo aos outros, servindo ao dinheiro, ele serve a si próprio” (Ibid., p. 42).

Braudel apresenta também as mudanças sociais no prisma das economias-mundo. Ele retoma as suas posições já apresentadas no primeiro e segundo volumes: as mudanças são muito lentas; a promoção social só ocorre quando há algum crescimento econômico; esta não coloca em cheque o estatuto social estabelecido; e as forças sociais estão sempre em conflito.

As mudanças sociais, quando acontecem, ocorrem no centro da economia-mundo. A relação dele com as diversas periferias se instituiu numa divisão internacional do trabalho que cria, recria ou mantém as hierarquias e os modelos sociais. Por isso as colônias conviveram com relações servis, escravistas e mercantis como elos de uma grande corrente para atender os privilegiados. Daí Braudel concordar com outros estudiosos, como Immanuel Wallerstein, para quem “o modelo da economia-mundo, no seu testemunho social estabelece que há coexistência dos ‘modos de produção’, do escravagismo ao capitalismo, que este só pode viver cercado pelos outros, em detrimento dos outros. Rosa de Luxemburgo tinha razão” (Ibid. , p. 53).

Assim, pode-se dizer que os modelos sociais de exploração se perpetuam. O capitalismo herda a hierarquia estabelecida, ajusta-se a ela, mas também faz com que

ela se adapte a ele. Ou seja, o capitalismo sobrepõe-se às desigualdades sociais existentes e o “território econômico” resultante irá servi-lo.

O conjunto de uma economia-mundo tende também a partilhar de uma mesma cultura, ou pelo menos de certos aspectos dela, até porque se constitui num elemento anterior à economia e às instituições políticas e sobrevive a ambas. E no cerne de uma cultura encontra-se a religião. Daí a Europa viver o embate entre a religião e os novos hábitos econômicos: a usura é o grande vilão intolerável para a Igreja. Entretanto, a civilização-mundo e a economia-mundo tendem a somarem-se e a conquista do Novo Mundo constitui-se no melhor exemplo disso.

Apresentados todos estes aspectos, Braudel sublinha que o modelo de economia-mundo realmente é válido na análise desde que se leve em conta os seus movimentos, pois “a economia-mundo européia mudou várias vezes de forma desde o século XIII, deslocou o seu centro, redefiniu as suas periferias” (Ibid., p. 58). É por isso que elas devem ser entendidas no tempo tanto nos seus ritmos lentos e longos como nos seus aspectos conjunturais. Os movimentos conjunturais não são apenas econômicos, mas também políticos, demográficos e de mentalidades. Daí a importância de estudos mais profundos de cada uma das economias-mundo, para assim se analisar além do conjunto específico, também sua própria conjuntura.

Ao se relacionar comparativamente a obra de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein torna-se possível observar a complementaridade na construção da abordagem Sistema-Mundo. O primeiro elemento importante que aproxima ambos os autores é o ponto de partida de suas análises: o chão da história. De Braudel não é necessário reiterar, o percurso feito até aqui já demonstrou sua posição. Quanto a Wallerstein, na obra *Capitalismo histórico*, não apenas no título ele expõe sua posição desde as primeiras páginas: “o que me parece urgente, uma tarefa para a qual, em certo sentido, tem se dirigido o conjunto do meu trabalho recente, é ver o capitalismo como um sistema histórico, na totalidade de sua história e na sua realidade concreta única. (WALLERSTEIN: 1985, 7) e mais ainda, se propõe a “tentar descrever o que o capitalismo realmente tem sido na prática, como tem funcionado como um sistema, por que se desenvolveu, e para onde se encaminha atualmente” (Ibid., p. 9).

Temos assim o segundo elemento de convergência: estudar o capitalismo pelo viés histórico e mais, Wallerstein também utilizou o enfoque da longa duração. “Minha visão pessoal é que a gênese desse tipo de sistema histórico situa-se na Europa no final do século XV, que o sistema expandiu-se no espaço até abarcar o globo no final do século XIX, e que ainda hoje recobre o mundo inteiro.” (Ibid., p. 15). E como Braudel, ele também data o capitalismo como existindo há mais de 500 anos.

A análise do capitalismo histórico na longa duração, obviamente trouxe outras e diversas convergências. Destacam-se na própria caracterização do capitalismo: a auto-expansão e o lucro maior possível como meta; a mercantilização de todos os processos econômicos: produção, distribuição e investimentos; e a formação dos monopólios. Esse último explicado por Wallerstein levando em conta a necessidade de superar a concorrência e o mercado organizado pela oferta e demanda. Para maximizar a acumulação, duas estratégias se impuseram: as coerções monopolísticas e a integração vertical dos mercados – quando a mesma firma comanda o vendedor e o comprador de um produto e, portanto, empreende uma ação recíproca entre oferta e demanda. E ele adverte “a integração vertical, assim como o monopólio ‘horizontal’, não foi exceção.” (Wallerstein, 1985, p. 24-5). Temos assim outro elemento em comum entre os autores, a distinção entre economia de mercado e capitalismo, e a busca pela superação daquela pelos capitalistas.

Em decorrência da integração vertical, Wallerstein comenta, “parece razoável argumentar que a integração vertical foi a norma estatística do capitalismo histórico, quando comparada com aquelas relações ‘de mercado’ nas cadeias de mercadorias em que o vendedor e o comprador são realmente distintos e antagônicos” e mais ainda “seus pontos de origem foram múltiplos, mas seus pontos de destino tenderam a convergir para poucas áreas. Isso quer dizer, em nossa linguagem corrente, que tenderam a se mover das periferias para os centros ou núcleos da economia-mundo capitalista” (Ibid., p. 25). Braudel usa o termo “redes comerciais” para descrever essa estratégia capitalista, o que corrobora a análise de Wallerstein.

As palavras de Wallerstein já apontam para o núcleo da similaridade com Braudel: o conceito de economia-mundo. Ao estudar profundamente o conceito

braudeliano o propôs como um modelo de análise na obra *The modern World-system*[§], uma monumental trilogia sobre o mundo capitalista do século XVI até o XIX. Sua análise de “sistemas-mundo” é uma tentativa ampliada de ver o sistema capitalista como um todo. Para ele trata-se de um sistema unificado e altamente hierarquizado, que surgiu muito mais precocemente do que as fábricas e navios a vapor, por exemplo. O modelo de análise que Wallerstein propõe tem como destaque a separação do mundo entre os países de centro e de periferia. Em decorrência disso constata que os países periféricos sofrem as consequências dos termos desiguais de comércio praticados pelo centro e por isso mesmo questiona a esperança dos terceiro-mundistas pela ascensão dentro do sistema.

Assim Wallerstein retoma a concepção braudeliana de hierarquia na economia-mundo: daí as posições de centro, periferia e semi-periferia dentro sistema mundial – este caracterizado pela dicotomia entre capital e trabalho e pela acumulação de capital entre agentes em concorrência, num equilíbrio sempre ameaçado por fricções internas.

Além da superação do Estado nacional como unidade de análise, Wallerstein expõe outra característica desse sistema, o crescimento desigual para cada um dos Estados partícipes e conseqüentemente a divisão entre centro e periferia do sistema. E temos assim outro elemento em comum entre ele e Braudel. O historiador francês explicitou a hierarquia a partir do centro da economia-mundo como

um encaixe, uma justaposição de zonas ligadas entre si, mas a *niveis diferentes*. Desenham-se no local três “áreas”, três categorias pelo menos: um centro restrito, regiões secundárias basamente desenvolvidas e finalmente enormes margens exteriores. (...) O centro, o “coração”, reúne tudo o que há de mais avançado e de mais diversificado. O anel seguinte só tem uma parte dessas vantagens, embora participe delas: é a zona dos “brilhantes” secundários. A imensa periferia, com os seus povoamentos densos, é, pelo contrário, o arcaísmo, o atraso, a exploração fácil por parte dos outros. (BRAUDEL: 1996b, p. 29)

Braudel também observou a ordem econômica determinando a divisão internacional do trabalho.

[§] A obra foi publicada em três volumes em 1974, 1980 e 1989.

A divisão do trabalho em escala do mundo (ou de uma economia-mundo) não é um acordo concertado e reversível a cada momento entre parceiros iguais. Estebeleceu-se progressivamente, como um cadeia de subordinação que se determina umas às outras. A troca desigual, criadora da desigualdade do mundo, e, reciprocamente, a desigualdade do mundo, criadora obstinada da troca, são velhas realidades. (BRAUDEL: 1996b, p. 37- 9)

O percurso feito até aqui buscou demonstrar o processo de construção dos conceitos de economia-mundo e de sistema-mundo, de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein, respectivamente. Giovanni Arrighi retoma os percursos de Braudel e de Wallerstein. No livro *O longo século XX* (1994), ele retoma o processo histórico das economias-mundo e analisa os “ciclos sistêmicos de acumulação” e retrata ainda o ciclo norte-americano como produto dos ciclos precedentes. Assim, reafirma a longa duração capitalista – tão cara aos outros dois autores – e analisa também a crise da década de 1970, que – segundo ele – só é possível ser compreendida em toda sua dimensão se levarmos em conta as tendências que o capitalismo tem demonstrado desde sua gênese e a principal delas são os ciclos sistêmicos ou as economias mundo.

Sua filiação aos dois autores é explicitada desde o prefácio, “descobri, no segundo e terceiro volumes da trilogia de Fernand Braudel, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*, o esquema interpretativo que se converteu na base deste livro” (ARRIGHI: 1996, p. IX). E mais à frente explica:

a idéia braudeliana das expansões financeiras como fases finais dos grandes desenvolvimentos capitalistas me permitiu decompor a duração completa do sistema capitalista mundial (a *longue durée* de Braudel) em unidades de análise mais manejáveis, que chamei de ciclos sistêmicos de acumulação. Embora eu tenha escolhido seus nomes a partir de determinados componentes do sistema (Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos), os ciclos em si referem-se ao sistema como um todo, e não a seus componentes (Ibid., p. XI).

Pode-se observar nesse excerto que Arrighi constrói o componente central de sua obra a partir de Braudel. A longa duração, as expansões financeiras, a sequência dos epicentros dos ciclos, todos são elementos vindos do historiador francês.

Também Wallerstein é responsabilizado por seu trabalho, afirma Arrighi:

Immanuel Wallerstein é o grande culpado por eu o haver tornado ainda mais ambicioso do que era originalmente. (...) Durante nosso trabalho cotidiano no Centro Fernand Braudel, tão perturbadora foi a insistência de Wallerstein em que as tendências e conjunturas de meu século XX talvez refletissem estruturas e processos instaurados desde o século XVI, que fui levado a verificar a validade dessa afirmação. Ao verificá-la, vi coisas diferentes das que ele tinha visto, e até ao ver as mesmas coisas dei-lhe um tratamento e uma aplicação diferentes dos que ele lhes concedeu em *The Modern World-System*. Mas Wallerstein estava absolutamente certo ao insistir em que a *longue durée* do capitalismo histórico era o arcabouço temporal adequado para o tipo de construção que eu pretendia. Sem seu estímulo e provocação intelectuais, eu nem sequer teria pensado em escrever este livro da maneira como o fiz (Ibid., p. XIII).

O trecho acima reitera sua filiação a Braudel e a Wallerstein, simultaneamente. Assim, estamos esclarecidos da proximidade dos autores. Na introdução de *O Longo século XX* ele assim expõe:

o ponto de partida de nossa investigação foi a afirmação de Fernand Braudel, de que as características essenciais do capitalismo histórico em sua *longue durée* – isto é, durante toda a sua existência – foram a ‘flexibilidade’ e o ‘ecletismo’ do capital, e não as formas concretas assumidas por ele em diferentes lugares e épocas (ARRIGHI: 1996, 4).

Ambas as características são essenciais na obra de Braudel, como já vimos.

O elemento central da contribuição de Arrighi consiste nos ciclos sistêmicos de acumulação, essa idéia

deriva diretamente da idéia braudeliana do capitalismo como camada superior ‘não especializada’ da hierarquia do mundo do comércio. Nessa camada superior é que se fazem os ‘lucros em larga escala’. Nela, os lucros não são grandes apenas porque a camada ‘monopolize’ as atividades econômicas mais lucrativas; mais importante ainda é o fato de que a camada capitalista tem a flexibilidade necessária para deslocar continuamente seus investimentos das atividades econômicas que estejam enfrentando uma redução dos lucros para as que não se encontrem nessa situação. (Ibid., p. 8)

Arrighi constrói a sucessão de ciclos sistêmicos de acumulação – Gênova (do século XV ao início do XVII), Holanda (do fim do século XVI até grande parte do XVIII), Inglaterra (segunda metade do século XVIII e início do XX) e Estados Unidos

(do fim do século XIX até hoje) –, como uma derivação da obra braudeliana e priorizando a camada superior da hierarquia econômica, ou seja, o capitalismo.

Segundo ele, sua

sucessão de ciclos sistêmicos de acumulação constitui, de fato, ‘uma série de elevações’, sendo cada uma resultante das atividades de um complexo particular de agentes governamentais e empresariais, dotados da capacidade de levar a expansão da economia capitalista mundial um passo além do que podiam ou queriam fazer os promotores e organizadores da expansão precedente. Cada passo adiante implica uma troca da guarda no alto comando da economia mundial capitalista e uma concomitante ‘revolução organizacional’ nos processos de acumulação de capital – uma troca da guarda e uma revolução organizacional que, historicamente, sempre ocorreram durante as fases de expansão financeira. Assim, as expansões financeiras são vistas como anunciadoras, não só da maturidade de um determinado estágio de desenvolvimento capitalista mundial, mas também do início de um novo estágio.’(ARRIGHI: 1996, 89)

A mesma sucessão dos epicentros está na obra de Braudel, assim como a importância dos aspectos financeiros estão explícitos em suas análises.

Até aqui tentou-se apresentar a edificação desses três autores da construção da Economia Política dos Sistemas-Mundo. O ponto de partida comum é a observação do capitalismo desde os primórdios mercantis, ou seja, na longa duração dos últimos cinco séculos. A análise como resultado de pesquisa histórica é o segundo postulado. O terceiro se evidencia ao reunirmos as sínteses inovadoras dos três autores: de Braudel o conceito de economia-mundo, de Wallerstein o de sistema-mundo e de Arrighi os ciclos sistêmicos de acumulação de capital.

Este último identifica a necessidade do capital de organizar o processo de acumulação e de hierarquizar os demais sujeitos para garantir a si as condições privilegiadas. O processo remonta à passagem dos séculos XIV-XV e caracteriza prioritariamente a Europa, com deslocamentos tanto no aspecto geográfico como nas diferentes esferas econômicas. O conjunto do processo construiu-se num sistema mundial que a partir de ciclos consecutivos se superpuseram e garantiram a acumulação.

A principal consequência desse processo é o ordenamento do mundo em centro e periferia, além de intermediários, cuja posição pode se modificar ao longo do tempo, mas não de forma brusca ou radical.

Diante dessa interpretação da economia mundial – na perspectiva da Economia Política do Sistemas-Mundo –, surgem necessariamente questões referentes à inserção nacional de um modo geral e do Brasil em particular. A impressão que se tem é de que tal perspectiva deva ser superada na medida em que se trata da inserção de uma ‘economia nacional’ dentro da economia-mundo. Para superar esse dilema pode-se buscar o lugar ocupado por uma dada economia nacional no sistema-mundo. Uma possibilidade para se realizar esse exame crítico é o estudo das cadeias mercantis mundiais.

A idéia de que o desenvolvimento capitalista mercantil se deu por meio de cadeias mercantis surge com Braudel. Segundo ele o capitalismo apresenta-se desde seus primórdios mercantis como uma economia internacionalizada, ainda que antes da chamada formação dos Estados modernos. Em diversas passagens das suas duas principais obras: *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico* e *Civilização Material, Economia e Capitalismo* as expressões como “unidade marítima”, “tráfego mundial” e “economia mundial” são recorrentes.

O comércio de longa distância em detrimento da economia nacional vai se impondo e “*cada vez menos, com é natural, ela está, à medida que os séculos vão passando, ao abrigo de contaminações exteriores.*” (BRAUDEL: 1995b, 154). Sua análise desse comércio apresenta necessariamente os circuitos comerciais como umidades de análise.

Braudel compara as cadeias mercantis ao circuito elétrico. Ele trabalha vários exemplos para mostrar que um mercador deseja vender sua mercadoria, comprar outra, vendê-la logo em seguida e assim por diante. Assim o mercador A, vende uma mercadoria para B, que vende outra mercadoria para A e o sucesso do circuito está no fato de ambos A e B serem bem sucedidos em suas vendas. Contudo não é tão simples, o comércio no Atlântico nos séculos XVII e XVIII caracterizou-se por ser triangular, por exemplo: Liverpool, costa da Guiné, Jamaica e retorno a Liverpool. Braudel conta

inúmeros outros casos desta triangulação e até de situações em que mais de três mercados entram no circuito, como

“a Companhia holandesa só se dá ao trabalho de conservar Timor, na Insulíndia, por causa da madeira de sândalo que lá extrai para transformá-la em moeda de troca na China, onde é muito apreciada; traz muitas mercadorias para a Índia, para Surate, que troca por sedas, tecidos de algodão e sobretudo moedas de prata, indispensáveis a seu comércio em Bengala; no Coromandel, onde compra tecidos, sua moeda de troca são as especiarias das Molucas e o cobre do Japão, de que tem a exclusividade; no Sião muito povoado, vende grandes quantidades de tecido de Coromandel, quase sem lucro, mas é porque lá encontra peles de veados procuradas pelo Japão e o estanho de Ligor de que é, por privilégio, o único comprador e que revende na Índia e na Europa ‘com bastante lucro’.” (BRAUDEL: 1996a, 118-9).

Por fim em sua descrição dos circuitos comerciais, Braudel apresenta o fato de nem todo circuito conseguir fechar-se, o que pode provocar um efeito cascata, contaminando e prejudicando outros membros do circuito, às vezes temporariamente, às vezes em definitivo. Nestes casos a tendência é uma alteração no circuito mais a longo prazo e se for o caso a exclusão do ponto desfavorável, já que a instabilidade geral prejudica o próprio circuito.

Da análise dos circuitos, Braudel chega à concepção de uma malha e delas ele chega às redes.

Braudel descreve as principais redes, comparando-as: a italiana, a armênia, e a dos judeus, que “se estendem ao mundo inteiro. Seus sucessos são muito mais antigos do que os desempenhos armênios” (Ibid., p. 133). Desde a Antiguidade famílias judias estão envolvidas no comércio de longa distância, em bancos e na cobrança de impostos. “Os mercadores judeus perpetuam-se assim num tempo multissecular, superando em muito a longevidade italiana (...)” (Ibid., p. 134).

Analisando o mercado, Braudel apresenta um conceito chave: a mais-valia mercantil. Realidade evidente, o deslocamento provoca o aumento das mercadorias. Ao preço inicial do produto somam-se as despesas com transporte e o lucro do mercador –

caso contrário quem iria se aventurar? Contudo não é tudo tão fácil assim, pelo contrário, era até bastante difícil prever e organizar a mais-valia.

Pedro Antonio Vieira** vem desenvolvendo estudos dentro dessa temática e recentemente apresentou a cadeia mercantil do açúcar. No texto “A inserção do “Brasil” nos quadros da economia-mundo capitalista no período 1550-1800: uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar” ele explicita o conceito à luz de Wallerstein.

Como se concretiza a economia-mundo? Ou ainda, qual a extensão ou o território de uma economia-mundo? A concretização e a extensão de uma economia-mundo é medida pela variedade e extensão de suas redes de produção e troca que em linguagem mais técnica Wallerstein e Hopkins (2000) denominaram “cadeias mercantis” (*commodity chains*). Com este conceito os autores designam “processos produtivos interligados que têm cruzado múltiplas fronteiras e que sempre apresentaram dentro deles diferentes formas de controle do trabalho.” (Wallerstein e Hopkins, 2000, p. 221) Mais especificamente, uma cadeia mercantil é composta por todas as fases e ou processos necessários à produção e comercialização de uma mercadoria, desde seus insumos até o consumo final. (VIEIRA: 2010, 504-505)

O trabalho desenvolvido por Vieira apresenta a cadeia mercantil do açúcar, cujas “atividades implicadas na produção, comercialização e consumo do açúcar se espalhavam pela América, Europa, África e Ásia, formando uma verdadeira rede de negócios com muitas conexões” (idem, p. 524). Além do aspecto espacial, apresenta os inúmeros produtos participes da cadeia do açúcar, como equipamentos, farinha de mandioca, aguardente e principalmente os escravos.

A abordagem das cadeias mercantis sob o prisma da Economia Política do Sistema-mundo, ao mesmo tempo, que demonstra a posição do Brasil em relação à economia mundial, pode ainda demonstra as consequências ‘internas’ de tal posição, bem como as inter-relações entre ambas.

Buscar conhecer outras cadeias mercantis diretamente relacionadas com o Brasil pode, então, trazer maior compreensão do lugar do Brasil em diferentes momentos históricos, ou seja, nas várias economias-mundo já existentes. Exatamente por esse

** Professor da universidade Federal de Santa Catarina onde coordena o Grupo de Pesquisa da Economia Política do sistema mundo.

motivo que nossa pesquisa atual se caracteriza pela construção da cadeia mercantil do café. Pois acreditamos que tal estudo poderá contribuir para a compreensão de um período histórico fundamental para o país numa perspectiva que simultaneamente observa o processo global e o local.

Referências Bibliográficas

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: dinheiro, poder, e as origens de nosso tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a história**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995a. 2 v.

_____. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII**. Trad. Telma Costa. 3 vols. São Paulo: Martins Fontes, 1995b (v. 1), 1996a (v. 2), 1996b (v. 3)

VIEIRA, Pedro Antonio. “A inserção do "Brasil" nos quadros da economia-mundo capitalista no período 1550-c.1800: uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar”. **Economia e Sociedade**. Campinas. 2010, vol.19, n.3 (40), pp. 499-527. ISSN 0104-0618.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Capitalismo histórico**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985.